

quista, que lhes objectarão, a esses patriotas, os seus irmãos em nacionalismo? Que invocaram o auxílio da Alemanha, como outros pediram o da Rússia e dos demais paladinos, igualmente diplomados, das pequenas nacionalidades?

Não objectam nada, não precisam. Ao quarto poder do Estado — a imprensa monopolizada pelos que mandam e podem, com o contrapeso da Censura — basta pintar as coisas ao seu sabor e calar ou fazer calar o que lhe não faz conta.

O próprio silêncio obrigatório pode servir-lhe depois como prova vitoriosa dum consentimento entusiasta. Ainda há pouco um correspondente de Roma mandava dizer a um diário que o proletariado italiano manifestara no 1.º de

Maior a sua adesão à «União Sagrada» com moções patrióticas e «até com o silêncio». O proletariado italiano, precisamente... Aquele cuja parte avançada é mais unanimemente contra a guerra, salvo raras defeições... que já o eram quase todas antes do conflito.

Esse silêncio ruidosamente patriota impressionou também, primeiro em França, depois em Portugal, os ouvidos, acostumados a ouvir estrélas, do poeta brasileiro Olavo Bilac, segundo o qual tudo aqui arde em labaredas guerreiras. O que é ser poeta e saber distinguir as sinfonias sidéreas!

Ainda assim, muito haverá que contar no fim da guerra — pelos que forem vivos aos que vivos forem!

ZENO VAZ.

Nas horas vagas...

A guerra europeia, apesar das opiniões burguesas e semi-burguesas, patrióticas e governamentais, em contrário, representa um chorudo negócio para os homens do dinheiro. De aqui não há que fugir. As estatísticas oficiais falam como gente; e, com certeza, os argumentos de peso saídos do intellecto parcialíssimo de certos cavalheiros que, neste momento, esqueceram o seu revolucionarismo de outrora, não lhes poderão ofuscar a menor parcela de verdade.

Assim, nos campos de batalha da Europa, jorra o sangue a torrentes; na bolsa dos capitalistas entra a bagalhoça aos punhados. Por cada vida preciosa que se extingue, recolhem os parasitas somas enormes. O sacrificio dos trabalhadores, abandonando a sua familia a uma miséria atroz para se lançarem, como tigres, nessa carnificina maldita, é, recolhido, materialmente, sem dores nem canseiras, pelos seus seculares exploradores. Ora, nestas condições, porque razão é que estes matoides não haviam de

incensar a guerra, adicionando-lhe pomposos adjectivos e atribuindo-lhe virtudes que ela não tem?

Para os que vivem do trabalho alheio, os lucros não-de ser sempre os lucros. É visto que a guerra actual os dá, e bons, toca a engendrar friamente uma filosofia guerreira e quem perder que se agüente, pois os capitalistas não estão dispostos a fazer favores à escumalha, aos miseráveis, aos que produzem toda a riqueza social...

No meu último artigo apresentei uma estatística, pela qual ficaram os leitores de «A Aurora» a saber como, à sombra da guerra, os accionistas dos Estados Unidos da América estão a atapulhar os seus cofres. Hoje vou pôr-lhes diante dos olhos mais duas estatísticas, por onde podem ver que nos países em guerra, a despeito dos tão decantados sacrificios comuns para expulsar o negregado invasor, quem obtem vantagens materiais são sempre os detentores do vil metal sonante. Comparemos, pois, os lucros líquidos, em 1914 e 1915, de algumas companhias inglesas de navegação

e fabricas de material de guerra para ficarmos identificados:

«Smithfield and Argentine Meat Co.», em 1914, 638.210 fr.; em 1915, 3.451.375 fr. «Waring and Gillow», 1914, 880.425 fr.; 1915, 2.522.125 fr. «Projectile Company», 1914, 768.475 fr.; 1915, 4.853.400 fr. «Lanarkshire Steel», 1914, fr. 703.600; 1915, 1.149.625 fr. «Fred Leyland Steamship», 1914, 8.429.750 fr.; 1915, fr. 29.917.075 fr. «Sutherland Steamship», 1914, 2.350.000 fr.; 1915, 7.380.000 fr.

E na Alemanha, a fabrica Krupp que em 1913-1914 teve de lucros líquidos, 80.877.380 francos, viu esses lucros elevarem-se, em 1914-1915, a 157.763.688 francos, (38 mil, 652 contos, em moeda portuguesa!)

Que tal está o negóciozinho? Bem dizia o outro: as guerras são ruinosas, mas é só para os proletários...

A propósito dumas cantigas de fado contra a guerra, o *Imundo* do dia 1 do corrente, reclamava dos governos da república, medidas severíssimas contra os transgressores dos chamados *prencípios da onion-cagrada*. Segundo o critério dos matulas que rabiscam a referida gazeta, não pode haver agora duas opiniões em Portugal. Acham eles que assim como os patriotas se transformaram num rebanho de carneiros, prontinhos a executar as ordens dos empregários da guerra, os que sempre afirmaram as suas ideias antipatrióticas devem olvidar tudo isso e seguirem a mesma rotina. Realmente estes esguichos mostram bem a capacidade intellectual do livre-pensamento de tais... bipedes...

Safa!...

PEDRO GUIMARÃES.

PROPAGANDA LIBERTÁRIA.— Reune hoje, às 20 horas, no local do costume; e espera-se que ninguém falte.

Anarquismo... estatal

Acaba de aparecer um manifesto firmado por Krapótkine, Grave, Malato e uma dúzia de outros velhos camaradas, os quais fazendo eco aos defensores dos governos do Entendimento, que querem prolongar a guerra até ao extermínio da Alemanha, repudiam qualquer ideia duma «paz prematura».

A imprensa capitalista recorreu alguns trechos do manifesto e publica-os com natural satisfação, apresentando o documento como o pensar dos «chefes do movimento anarquista internacional».

Os anarquistas, cuja quase totalidade se manteve fiel às convicções próprias, tem para consigo mesmos o dever de protestar contra este acto que tenta implicar o anarquismo na continuação duma carnificina feroz, que de nenhum modo promete secundar a causa da justiça e da liberdade e deixa pelo contrário claramente prever que será de todo estéril e infrutífera mesmo do ponto de vista dos dominadores de ambos os lados.

A boa-fé e as boas intenções dos que assinaram o manifesto estão fora de discussão. Mas por mais penoso que possa ser o discordar de velhos amigos, que tantos serviços prestaram à que no passado foi nossa causa comum, ninguém que tenha a peito a sinceridade e o interesse do nosso movimento emancipador pode deixar de se separar dos camaradas, que se sentem capazes de conciliar ideias e cooperação de anarquistas com os governos e as classes capitalistas de certos países, na sua luta contra os capitalistas e governos de outros países.

Durante esta guerra temos visto republicanos põem-se ao serviço dos reis, socialistas fazerem causa comum com a classe dominante, trabalhistas

No Ecran

Da Cochinchina

IV

dos ciriosinhos que acenderam em louvor do padroeiro, aproveitando uma pinguinta de azeite que cresceu da lamparina do santuário. Riem-se do temor, respiram desafogadamente e descem aliviadas e orgulhosas ao balcão a receberem os fregueses com ar de triunfo. O perigo passou, as empanadas tiram-se, os toldes voltam a ocupar as primitivas posições de tejadilho inclinado.

Até o sol, com curiosidade, espreita ao canto de uma nuvem, como à esquina de uma rua, e cuja nuvem descreve uma silhueta branco-escuro de um castelo a derruir.

Mas a indignação popular cresce. A ideia de vingança é que não se apaga dos espiritos mortificados. O sangue das victimas do largo do Primeiro Encoltro torna-o mais visível. Depois, as palavras da Revolta proferidas com convicção ficam indetêvelmente gravadas em todos os corações oprimidos, que as divulgam, as discutem, as aprovam nas conversas familiares, íntimas, públicas.

— Ah! aquela mulher de olhos reluzentes, como pirilampus, e

de voz de homem é que tem razão!

— Nós temos de fazer o que ela disse!... Esta súcia de patifes tem de nos provar as mãos.

— O que precisam é que lhes deitemos fogo às tendas...

— Corja de malvados!

— Quadrilha de gatunos!

Eram frases terríveis, acompanhadas de gestos violentos, as que saíam daquelas bocas espumantes, como perdigotos expellidos das gengivas dum escorbuto.

As mais exaltadas os mercieiros, como vingança, não lhes vendem os géneros, desculpando-se que os não tem, levantando a outras o crédito sob o pretexto de que o trabalho não abunda e que portanto

não podem pagar. Rendição pela fome!

Assim se passam dois dias, sem outra alteração além do sobressalto dos espiritos, das polémicas nas ruas, da rememoração dos acontecimentos recentes...

Ao terceiro dia, à hora que o sol se esconde nas penumbras do horizonte, corre de boca em boca, com a rapidez de um raio, a noticia de que nos arredores o povo se sublevara, armado. A Revolta faz das suas. A noticia espalha-se não se sabe como, pois os jornais estão impossibilitados de transmitir tais boatos.

Nos bairros operários há um certo desuso, um não sei que de extraordinário, de misterio-